



O ordinário transfigurado: por uma teologia do milagre

The ordinary transfigured: towards
a Theology of Miracles

*Tiago de Fraga Gomes**

PUCRS

*Daniel D'Agnoluzzo Zatti***

Recebido em: 31/12/2025. Aceito em: 06/02/2026.

Resumo: O presente artigo ao tratar sobre o tema do ordinário transfigurado, busca contribuir para uma teologia do milagre que forneça uma releitura teológica dos milagres à luz da permanência e do valor do ordinário, dialogando de modo original com a obra de Chesterton e com a tradição teológica clássica e contemporânea. O tema central consiste em compreender o milagre não como ruptura espetacular da ordem do mundo, mas como sinal revelador da presença fiel e contínua de Deus no cotidiano da criação e da história. O problema de pesquisa emerge do contexto cultural contemporâneo, marcado pelo imediatismo, pela busca do extraordinário e pela tendência a reduzir os milagres a resíduos de uma religiosidade pré-crítica ou a meros recursos narrativos. Diante disso, o artigo questiona: como pensar teologicamente os milagres de modo fiel à Revelação cristã e, ao mesmo tempo, significativo para a experiência de fé atual? A hipótese que orienta o estudo sustenta que os milagres, longe de negarem o ordinário, o revelam em sua profundidade sacramental, funcionando como sinais pedagógicos que reacendem o espanto diante de uma criação já sustentada pela graça. O objetivo principal é oferecer uma teologia do milagre capaz de integrar criação, redenção e consumação, articulando tradição patrística, teologia medieval, contribuições do Concílio Vaticano II e reflexões contemporâneas, especialmente a partir de Agostinho, Tomás de Aquino, Rahner, Latourelle e

* Pós-Doutor pela PUC-Rio. Doutor em Teologia pela PUCRS (Porto Alegre, 2020) com estágio pela Ruhr-Universität Bochum (Alemanha). Coordenador do PPG em Teologia da PUCRS.

E-mail: tiago.gomes@pucrs.br.

** Mestre em Teologia pela PUCRS (Porto Alegre, 2023). Doutorando em Teologia pela PUCRS.

E-mail: daniel.zatti@gmail.com.





Chesterton. O movimento argumentativo inicia-se com a crítica à compreensão moderna do milagre como exceção arbitrária, avança pela recuperação da visão agostiniana da criação como milagre contínuo, dialoga com a teologia do sinal e da mistagogia em Rahner e Latourelle, e culmina na proposta de uma espiritualidade do enraizamento, iluminada pela sensibilidade chestertoniana. Como resultado, o artigo demonstra que a teologia do milagre oferece importantes implicações espirituais e pastorais, ao educar o olhar da fé para reconhecer a ação discreta de Deus na rotina, fortalecendo uma espiritualidade da permanência, da fidelidade cotidiana e da esperança histórica.

Palavras-chave: milagre; ordinário; permanência; revelação; espiritualidade.

Abstract: *This article, addressing the theme of the transfigured ordinary, seeks to contribute to a theology of miracles that provides a theological reinterpretation of miracles in light of the permanence and value of the ordinary, engaging in an original dialogue with the work of Chesterton and with classical and contemporary theological traditions. The central theme consists of understanding the miracle not as a spectacular rupture of the world order, but as a revealing sign of God's faithful and continuous presence in the daily life of creation and history. The research problem emerges from the contemporary cultural context, marked by immediacy, the pursuit of the extraordinary, and the tendency to reduce miracles to remnants of a pre-critical religiosity or mere narrative devices. In light of this, the article questions: how can we think theologically about miracles in a way that is faithful to Christian Revelation and, at the same time, meaningful to the current experience of faith? The hypothesis guiding this study argues that miracles, far from negating the ordinary, reveal it in its sacramental depth, functioning as pedagogical signs that rekindle wonder at a creation already sustained by grace. The main objective is to offer a theology of miracles capable of integrating creation, redemption, and consummation, articulating patristic tradition, medieval theology, contributions from the Second Vatican Council, and contemporary reflections, especially from Augustine, Thomas Aquinas, Rahner, Latourelle, and Chesterton. The argumentative movement begins with a critique of the modern understanding of miracles as arbitrary exceptions, advances through the recovery of the Augustinian vision of creation as a continuous miracle, engages with the theology of signs and mystagogy in Rahner and Latourelle, and culminates in the proposal of a spirituality of rootedness, illuminated by Chestertonian sensibility. As a result, this article demonstrates that the theology of miracles offers important spiritual and pastoral implications, educating the gaze of faith to recognize God's discreet action in routine, strengthening a spirituality of permanence, daily fidelity, and historical hope.*

Keywords: miracle; ordinary; permanence; revelation; spirituality.

Introdução

No coração da teologia cristã está a convicção de que Deus é um Mistério permanente e fundante que sustenta providencialmente de maneira silenciosa o mundo criado. Em contraste com a tendência atual pela novidade,



Chesterton, com sua sensibilidade poética, reflete que a verdadeira Revelação pode brotar daquilo que não muda, pois há mais aventura em atravessar repetidamente a mesma rua do que em visitar mil cidades de passagem. Essa intuição, mais que literária, é teológica: Deus não salva o mundo por meio de intervenções espetaculares e incessantes, mas transformando o ordinário no espaço do milagre. Assim como uma vida inteira numa mesma casa pode desvelar profundezas que a errância não toca, também a ação divina prefere o mergulho silencioso à pirotecnia taumatúrgica.

A obra de Chesterton oferece uma contribuição relevante ao pensamento cristão. Embora escrita no início do século XX, sua crítica ao niilismo, ao ceticismo e à fragmentação do sentido permanece atual, antecipando fenômenos hoje descritos como hiperfragmentação (Rodríguez Caguana, 2024, p. 196-201), subjetivismo radical (Germano, 2022, p. 45-53) e tecnicismo desumanizador (Jiménez-Rodríguez, 2019, p. 390-392). Com ironia, Chesterton denuncia os excessos da racionalização moderna: “Sei que alguns modernos estão pedindo que suas esposas sejam escolhidas por cientistas...” (2008, p. 48). Sua defesa da razão aberta ao Mistério, da tradição como fonte de liberdade e da permanência como via de profundidade constitui uma chave teológica fecunda e culturalmente urgente (Leite *et al.*, 2024, p. 152), cuja recepção no Brasil, ainda recente, torna sua redescoberta particularmente necessária.

Com frequência, os milagres são entendidos como rupturas nas leis naturais – exceções estrondosas num mundo fechado em sua regularidade (Libanio, 2014, p. 177-178). Mas e se fossem, ao contrário, janelas abertas momentaneamente para revelar a beleza escondida na própria ordem do mundo? Chesterton intui essa possibilidade:

Observei que o materialista, como o louco, está numa prisão; na prisão de um só pensamento. Essas pessoas pareciam pensar que era particularmente animador ficar repetindo que a prisão era muito ampla. O tamanho desse universo científico não oferecia novidade, nem alívio. O cosmos continuava eternamente, mas nem na sua mais fantástica constelação seria possível encontrar alguma coisa realmente interessante; nada, como, por exemplo, perdão ou livre-arbítrio (2008, p. 65).

Os milagres talvez existam não para suspender a lógica do mundo, mas para reacender nela o sentido. Como um relâmpago que, sem destruir a noite, revela por um instante a paisagem adormecida, o milagre ilumina o ordinário e o consagra. Para Chesterton, o verdadeiro espanto não está no que escapa à regra, mas no fato de que há uma regra – e que ela, por



si, já é maravilhosa. Vive-se atualmente em uma era onde mobilidade, mudança e novidade tornaram-se quase imperativos existenciais. A rotina é tida como cárcere, e o ordinário como sinal de fracasso. Mas esse modo de viver embota o olhar e esvazia o sentido (Grüm, 2009, p. 8-15). A teologia dos milagres, iluminada por Chesterton, aponta outro caminho: é preciso permanecer, criar raízes, contemplar com paciência. O espanto não nasce da pressa, mas da permanência. Redescobrir a beleza de viver no mesmo lugar – geográfico, afetivo ou espiritual – é reencontrar a lógica dos milagres: raros, sim, mas não porque Deus esteja ausente, mas porque tudo já é dom, e é preciso sensibilidade para vê-lo.

O ordinário, a permanência e a constância

Chesterton, mestre do paradoxo e da ortodoxia, é também um crítico agudo da ilusão moderna de que o novo é sempre melhor. Para Chesterton, a modernidade tende a confundir progresso com ruptura e inovação com esquecimento, tratando o passado não como herança viva, mas como um peso descartável. Essa postura empobrece o pensamento ao privá-lo da sabedoria acumulada das gerações. Ao defender a tradição como “a democracia dos mortos”, Chesterton não propõe nostalgia, mas um diálogo justo entre vivos e mortos, no qual a razão atual se deixa interpelar pela experiência histórica. Sua crítica ao culto do novo permanece atual: não se trata de negar a mudança, mas de discernir se ela realmente humaniza ou apenas substitui, sem critério, o que já possuía sentido e solidez. Ao refletir sobre o modo como se descobre a profundidade do real, Chesterton oferece uma imagem que se tornaria clássica:

O que poderia ser mais prazeroso do que provar em poucos minutos todos os fascinantes terrores de ir para o exterior combinados com toda a confortável segurança de voltar novamente para casa? O que poderia haver de melhor do que ter toda a emoção de descobrir a África do Sul sem a repugnante necessidade de lá desembarcar? O que poderia ser mais maravilhoso do que preparar-se para descobrir a Nova Gales do Sul e depois perceber, com uma efusão de lágrimas, que era apenas a velha Gales do Sul? Esse pelo menos me parece ser o principal problema dos filósofos e, de certo modo, é o principal problema deste livro. Como podemos imaginar ficarmos ao mesmo tempo assombrados com o mundo e, mesmo assim, nele nos sentirmos em casa? Como pode esta estranha cidade cósmica, com seus cidadãos de muitas pernas, com suas monstruosas e antigas lâmpadas, como pode este mundo provocar em



nós ao mesmo tempo o fascínio de uma cidade estranha e o conforto e a honra de ser a nossa cidade? (2008, p. 10).

Chesterton propõe que a maravilha não está em trocar constantemente de lugar, mas em lançar um novo olhar sobre o já conhecido. A rua onde se vive, o jardim da infância, o banco da praça, tudo isso, visto com olhos renovados, pode tornar-se mais fascinante do que os destinos exóticos que a publicidade nos vende como “experiências transformadoras”. A verdadeira transformação acontece quando o sujeito se aprofunda, não quando se dispersa. A alma cresce não por vagar infinitamente, mas por permanecer e contemplar, como um jardineiro que aprende as estações pelas folhas de uma mesma árvore. Essa permanência, longe de significar estagnação, é para Chesterton a chave da verdadeira aventura. Em *O que há de errado com o mundo*, Chesterton diz:

Mas, de todas as concepções modernas geradas pela simples riqueza, a pior é essa: a concepção da domesticidade como algo estúpido e submisso. Dentro do lar, dizem, jazem decoro insípido e rotina; fora dele, aventura e variedade. [...] A verdade é que para os moderadamente pobres, a casa é o único lugar para a liberdade; mais ainda, o único lugar para anarquia. [...] Para o homem comum e trabalhador, o lar não é o lugar tranquilo em um mundo de aventura, mas o lugar selvagem num mundo de regras e tarefas estabelecidas (2013, p. 40-41).

Essa lógica da contemplação enraizada fundamenta uma crítica social mais ampla. O nomadismo moderno – geográfico, afetivo ou espiritual – impede o enraizamento e empobrece a experiência humana (Kazter, 2021, p. 13; Gilbert, 2007, p. 683-684). Ao perder a fidelidade ao lugar, a alma moderna enfraquece as virtudes da paciência, da gratidão e da contemplação, tornando o “ficar” um gesto contracultural e evangélico. A antropologia contemporânea distingue diferentes formas de nomadismo – pastoris, caçadores-coletores e peripatéticos – que desafiam classificações fixas e revelam, como indicam Deleuze e Guattari, uma tensão estrutural própria do real (Bogue, 2004, p. 169-179).

Embora não trate diretamente da nomadologia, Chesterton oferece uma crítica relevante ao nomadismo quando romantizado ou absolutizado. Em *Ortodoxia* e *O que há de errado com o mundo*, ele satiriza o culto ao novo e o cosmopolitismo superficial que busca experiências sem criar vínculos, afirmando haver mais aventura em atravessar a mesma rua do que em conhecer cidades sem pertença. O ordinário, contemplado com amor, revela-se maravilhoso. Nesse sentido, Chesterton antecipa uma



crítica a leituras filosóficas do nomadismo que se afastam das realidades concretas, pois, para ele, a liberdade não está em escapar das formas, mas em habitá-las com sentido. Desconfiando da fluidez sem raízes que dissolve compromissos, Chesterton sustenta que a verdadeira novidade brota da fidelidade e da continuidade, onde surge a surpresa genuína (Nichols, 2021, p. 376).

Essa visão possui profundas ressonâncias teológicas. A Revelação cristã, na perspectiva chestertoniana, não se dá por meio de uma divindade errante, mas de um Deus que se enraíza: o Verbo se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). Não como visitante do mundo, mas como filho de um vilarejo (Jo 1,46), artesão numa carpintaria (Mc 6,3; Mt 13,54-57), fiel à repetição dos dias. Em Nazaré, o eterno assumiu o cotidiano (Mt 2,23; Lc 2,39-40; 4,16). Essa escolha divina ilumina a lógica do milagre: ele não suspende a realidade, mas revela quanto o ordinário já é portador de presença. Para Chesterton, os milagres são raros não porque Deus esteja ausente, mas porque está sempre presente; por isso, quando ocorrem, iluminam a rotina como um clarão. Assim, Chesterton se torna um guia para uma espiritualidade do enraizamento: em tempos de descartabilidade e exaustão, convida a permanecer, pois é na permanência – e na repetição, não na novidade incessante – que a profundidade sacramental do mundo se revela e a alma amadurece.

Chesterton, com seu estilo paradoxal, destacou-se como um dos grandes defensores da permanência no século XX. Ao criticar o mundo moderno, denunciou não apenas erros filosóficos, mas uma sensibilidade adoecida: a incapacidade humana de permanecer. Para ele, a verdadeira aventura não está na fuga, mas no retorno contemplativo ao mesmo lugar, onde o cotidiano repetido purifica e amadurece a alma. A permanência, longe de estagnação, assume valor espiritual e antropológico, pois só quem permanece aprofunda o olhar, reconhece o Mistério e se reconcilia com os próprios limites. Em contraste, a modernidade inquieta exalta a novidade contínua e desconfia da fidelidade, esquecendo que o caráter se forma com tempo, enraizamento e paciência. Permanecer, assim, é uma forma elevada de coragem: aceitar ser educado pelo real e habitar, com atenção e gratidão, o lugar confiado. No capítulo *A batalha das lâmpadas*, de *The Napoleon of Notting Hill*, Chesterton apresenta uma das imagens mais emblemáticas de sua obra:

Nasci, como os outros homens, num ponto da terra que amei, porque joguei jogos de meninos lá, e me apaixonei, e conversei com os meus



amigos em noites que eram noites dos deuses. [...] Por que deveriam ser comuns? Por que deveriam ser absurdos? Por que deveria ser grotesco dizer que uma caixa de correio é poética quando, por um ano não podia ver uma caixa de correio vermelha contra o amarelo ao anoitecer numa determinada rua sem ser sacudido por algo que Deus guarda em segredo, mas que é mais forte do que a alegria ou a tristeza? (2016, p. 68-69).

Esse trecho revela de forma comovente o que se pode chamar de *mística do lugar comum*. A memória afetiva, vinculada a um *pedaço da terra*, suas ruas, caixas de correio, brincadeiras de infância e conversas noturnas, transforma o banal em poético, o cotidiano em sacramental. Para Chesterton, não é o objeto em si que é sagrado, mas o olhar do ser humano enraizado, que ama, permanece e contempla. Em contraste com o nomadismo contemporâneo, que busca sentido na novidade e no deslocamento, o apego ao lar torna-se o verdadeiro campo da aventura e do milagre. O milagre, nessa perspectiva, não está na ruptura, mas na fidelidade: o extraordinário oculto no ordinário. Assim, o lugar amado torna-se espelho da graça, pois tanto o milagre quanto o lar exigem permanência para serem reconhecidos.

The Napoleon of Notting Hill narra um futuro londrino onde as pessoas perderam o senso de pertencimento aos seus bairros, exceto Adam Wayne, personagem excêntrico que leva a sério a identidade de seu pequeno distrito. Ao defender Notting Hill com um heroísmo quase medieval, Wayne encarna a ideia de que a fidelidade a um lugar é mais nobre do que qualquer expansão imperial. O romance denuncia a despersonalização produzida por uma modernidade que dissolve pertencimentos concretos e reafirma que só há humanidade plena onde há enraizamento, memória e compromisso com um espaço vivido. O romance funciona como uma parábola: o mundo será salvo não pelos que vagueiam, mas pelos que amam a própria rua:

Mas os grandes olhos azuis de Adam Wayne nunca mudaram, e ele gritou pelo corredor com sua voz singular e infantil: – Trago a minha homenagem ao rei. Trago-lhe a única coisa que tenho: a minha espada. E, com um grande gesto, a colocou no chão, e ajoelhou-se em um dos joelhos (Chesterton, 2016, p. 61).

Essa cena, na qual Adam Wayne se ajoelha e oferece sua espada em homenagem ao rei, torna-se símbolo daquilo que Chesterton defende em *Heretics*: que o verdadeiro vínculo com o mundo não nasce da conquista, mas da reverência. O gesto de Wayne transforma o chão comum



de Notting Hill em território sagrado não por mérito geográfico, mas pelo amor e fidelidade ali expressos. Para Chesterton, é a imaginação, e não a distância percorrida, que dá sentido aos lugares. Em *Heretics*, ele afirma que a permanência, a repetição e a convivência são caminhos para conhecer e amar a realidade. Em contraste com o nomadismo moderno, que promete liberdade mas esvazia o sentido, permanecer no lar e no bairro permite que o milagre surja, pois só há comum – e, portanto, milagre – para quem permanece. Essa visão se amplia na crítica ao nomadismo em *Heretics*, especialmente no ensaio *On Certain Modern Writers and the Institution of the Family*, onde Chesterton censura o modo como a juventude moderna foge do lar e das tradições em nome de uma liberdade que, no fundo, é desorientação:

A grande sociedade existe para formar camarilhas. A grande sociedade é uma sociedade para a promoção da limitação. [...] Ora, exatamente da forma como esse princípio se aplica ao império, à nação dentro do império, à cidade dentro da nação, à rua dentro da cidade, da mesma forma o princípio é aplicado à casa na própria rua. A instituição da família merece ser louvada exatamente pelas mesmas razões por que a instituição de uma nação ou a instituição de uma cidade merecem ser louvadas. É bom para um homem viver numa família pelo mesmo motivo pelo qual é bom para um homem estar envolto por uma cidade. É bom para um homem viver numa família no mesmo sentido em que é belo e agradável para um homem ficar preso na rua pela neve. Isso tudo o força a perceber que a vida não é uma coisa exterior, mas algo interior (2014, p. 181-186).

Essa passagem é central para a visão chestertoniana, pois revela sua defesa apaixonada da pequena comunidade como espaço insubstituível de formação humana. Em oposição ao nomadismo moderno que dissolve vínculos em nome da liberdade e da novidade, Chesterton afirma que o verdadeiro amadurecimento nasce da permanência: é no convívio com o que não escolhemos, na casa, na rua e na família, que o real revela sua riqueza. Nesse horizonte, o milagre, como exceção, não rompe o cotidiano, mas o ilumina e o consagra. Somente quem ama a rotina e crê no lar é capaz de reconhecer que, sob o mesmo teto de sempre, Deus ainda pode operar maravilhas. Ao desprezar a repetição e o pertencimento, o nomadismo existencial priva o ser humano do enraizamento necessário para uma autêntica contemplação espiritual.

Em *The Everlasting Man*, Chesterton retoma essa lógica ao tratar da Revelação cristã, afirmando que a história humana não é mera marcha



progressiva, mas um drama vivido em limites concretos. A Revelação ocorre num povo pequeno, numa terra e numa família reais. Como escreve Chesterton: “há duas maneiras de chegar em casa, e uma delas é ficar por lá. A outra é caminhar e dar a volta ao mundo inteiro até retornarmos ao mesmo lugar” (2010, p. 9). Essa visão, presente também em *Heretics* e *The Napoleon of Notting Hill*, destaca a fidelidade ao lugar como portadora de sentido revelador. Assim, a Encarnação manifesta que o milagre não anula o ordinário, mas o aprofunda, escolhendo o enraizamento como via da Revelação cristã.

Em Chesterton, o ordinário não se opõe ao milagre, mas é seu ambiente natural. O enraizamento constitui o solo da verdadeira contemplação, e a permanência, desprezada pela cultura do movimento, revela-se um gesto profundamente teológico: participar da fidelidade divina. A estabilidade não é estagnação, mas condição para o assombro autêntico, pois é na repetição habitada que o real se aprofunda. Há, assim, uma pedagogia espiritual da permanência, que educa o olhar para a gratuidade do existir e transforma o cotidiano em espaço de Revelação sustentado pela constância do amor criador.

Presença oculta e contínua de Deus na vida comum

A concepção popular tende a associar os milagres a eventos espetaculares que rompem as leis naturais. Contudo, a teologia cristã propõe uma compreensão mais profunda: os milagres não são meras exceções, mas sinais que revelam uma realidade maior já presente na ordem criada. Desde as primeiras páginas da Sagrada Escritura, no Antigo e no Novo Testamento, os milagres são acolhidos como manifestações da ação divina na história. Longe do espetáculo, eles têm por finalidade despertar, confirmar e aprofundar a fé, revelando Deus como Senhor da vida, misericordioso e próximo. Mais do que ações isoladas, os milagres expressam o modo de ser de um Deus vivo e atuante, comprometido com o cuidado e a libertação de suas criaturas. Nos milagres, o amor de Deus rompe as forças do mal, da doença e da morte, afirmando sua soberania sobre tudo o que ameaça a plenitude da vida (Alegre, 2009, p. 354-355). Agostinho nos convida a repensar o milagre a partir da contemplação do próprio mundo, quando afirma:

Qualquer maravilha que acontece neste mundo é certamente menor do que este mundo todo, isto é, o céu e a terra e tudo o que neles há. Esses,



Deus certamente fez. [...] Embora o milagre constante deste mundo visível seja pouco valorizado, por estarmos sempre diante dele, ainda assim, quando o contemplamos com sabedoria, ele é maior do que as mais raras maravilhas (1990, X, 12).

Para Agostinho, a existência harmoniosa e sustentada pela sabedoria divina, que mantém o universo em seu equilíbrio constante, já é um milagre contínuo, frequentemente ignorado por nossa percepção limitada. Assim, o verdadeiro espanto não está apenas nas raras intervenções extraordinárias, mas na ordem profunda que sustenta o mundo e permite que a vida floresça em seu ritmo cotidiano (Alegre, 2009, p. 356). Além disso, em *De Trinitate*, Agostinho ressalta que o poder divino se manifesta não apenas nos acontecimentos extraordinários, mas principalmente na ordem e na continuidade da criação, que sustentam toda a realidade. A perspectiva agostiniana desloca o olhar da exceção para a permanência, indicando que a verdadeira grandeza de Deus se revela na fidelidade com que o ser é continuamente mantido no existir. A regularidade dos ciclos, a coerência interna das criaturas e a estabilidade das leis que regem o mundo não são sinais de ausência divina, mas expressão constante de sua ação criadora. Ao sustentar todas as coisas no tempo, Deus manifesta um poder que não se impõe pela ruptura, mas pela doação ininterrupta do ser. Desse modo, a continuidade da criação torna-se lugar teológico privilegiado, no qual a presença de Deus se deixa reconhecer não pelo espanto momentâneo, mas pela confiabilidade silenciosa que torna possível a própria história. Nesse sentido, Agostinho afirma:

E quem restituirá a vida dos cadáveres, quando os mortos ressurgirem, a não ser aquele que dá a vida aos corpos nos úteros maternos, para o nascimento dos mortais? Quando isso acontece de modo regular, por assim dizer, como o rio sem fim das coisas que passam, fluem, permanecem e depois passam das profundezas para a superfície, da superfície para as profundezas, dizemos que é natural. Quando, porém, tais acontecimentos se apresentam aos observadores em desusada mudança para servir de aviso aos homens, então, os denominamos milagres (1995, III, 6).

A partir dessa passagem de *De Trinitate*, Agostinho convida a compreender os milagres não como quebras arbitrárias da natureza, mas como manifestações especiais do mesmo poder divino que já opera continuamente na criação. O nascimento de uma criança, por exemplo, é obra do mesmo Deus que há de ressuscitar os mortos, a diferença está apenas na frequência e na familiaridade com que esses eventos ocorrem.



O que se denomina “natural” não é menos maravilhoso, apenas mais habitual. O milagre, segundo Agostinho, é a mesma ação divina que sustenta o universo, mas apresentada de modo raro e extraordinário, para despertar no ser humano a consciência do sagrado que habita até mesmo o ordinário. Assim, os milagres não contradizem a criação, mas a revelam em profundidade, como sinais que iluminam a lógica escondida da providência divina. Essa compreensão mostra que os milagres não destroem ou negam a ordem da criação, mas manifestam a providência divina dentro dela, de modo sábio e ordenado. Tomás de Aquino, na *Summa Theologiae*, oferece uma definição fundamental:

A palavra milagre vem de admiração. Ora, esta surge quando, sendo a causa oculta, os efeitos são manifestos; assim, admiramo-nos vendo um eclipse do sol e ignorando-lhe a causa, como diz Aristóteles. Ora, como a causa de um efeito aparente pode ser conhecida de uns e ignorada de outros, daí vem que é admirável para aqueles e não o é para estes; assim, quando o rústico se admira de um eclipse do sol, mas não, o astrólogo. Ora, chama-se milagre o que como provoca a admiração, porque tem em si causa oculta a todos, e que é Deus. Por onde, chama-se milagre tudo o que Deus faz, fora das causas que nós conhecemos (S.Th. I, q. 105, a. 7).

A partir dessa definição de Tomás de Aquino, compreende-se que o milagre não se opõe à razão nem à ordem criada, mas a ultrapassa, precisamente por ter em Deus sua causa direta e escondida (Alegre, 2009, p. 356). O que causa admiração no milagre não é apenas o seu caráter extraordinário, mas o fato de remeter a uma origem invisível, incompreensível à mente humana sem a luz da fé. Enquanto muitos efeitos naturais surpreendem quando se desconhece suas causas, os milagres, ao serem causados diretamente por Deus e não por causas segundas, provocam uma admiração ainda mais profunda. São, assim, sinais que não suspendem a criação, mas a superam, convidando o ser humano a reconhecer a presença operante do Criador além do alcance da ciência ou da experiência comum. O milagre, nesse sentido, é um convite à contemplação humilde diante do Mistério.

No período pós-Concílio Vaticano II, a compreensão da Revelação como acontecimento sobrenatural foi revitalizada, sobretudo diante da contínua influência do cientificismo moderno. A Constituição Dogmática *Dei Verbum*, ao mesmo tempo em que propõe uma renovada abordagem da Revelação, reafirma com clareza a unidade e a consistência de seu conteúdo (Alegre, 2009, p. 357). O movimento ecumênico, em cres-



cente desenvolvimento, contribuiu significativamente para ampliar esse horizonte, permitindo à teologia católica acolher com mais atenção as contribuições protestantes, em especial aquelas centradas na centralidade da Palavra de Deus. Nesse cenário, destaca-se Jürgen Moltmann, cuja Teologia da Revelação dialoga intensamente com as ciências contemporâneas, desafiando a teologia cristã a responder de modo criativo e fiel aos novos paradigmas interpretativos da realidade (Haught, 1998, p. 49-51).

Nesse novo horizonte, o termo *Mistério* ganha uma relevância decisiva. Em uma cultura marcada pelo predomínio da técnica e pela obsessão por explicações totais, o Mistério torna-se um verdadeiro desafio à razão contemporânea. Para o senso comum moderno, *mistério* é frequentemente entendido como uma ignorância temporária, algo que “a ciência ainda não explicou”, mas que, em breve, será esclarecido. Já a teologia cristã compreende o Mistério de modo oposto: trata-se de uma realidade revelada por Deus, que, embora acessível, é sempre mais profunda do que qualquer formulação humana. É uma verdade que ilumina sem se deixar capturar plenamente. O Iluminismo representou uma inflexão decisiva nesse ponto: onde outrora o Mistério era visto como o fundamento e a plenitude da realidade, passou a ser encarado como obstáculo a ser superado pela razão autônoma (Haught, 1998, p. 55-56).

É nesse horizonte que Karl Rahner insere o conceito de mistagogia, propondo uma pedagogia que introduz progressivamente no Mistério revelado, entendido não como um dado acessório, mas como dimensão constitutiva da existência cristã. Sua célebre compreensão de que o cristão do século XXI ou será um místico, ou deixará de ser cristão, sintetiza com força a convicção de que a experiência pessoal do Mistério é indispensável à identidade do crente na modernidade (Rahner, 2004, p. 78). Rahner propõe uma autêntica reviravolta metodológica com sua teologia transcendental. Diante de uma cultura secularizada, pluralista e progressivamente alheia às certezas tradicionais da fé, ele insiste na necessidade de um novo caminho teológico que parta do sujeito crente. A Revelação, nesse horizonte, não pode ser reduzida a um simples dado externo e objetivo; ela deve ser reconhecida e acolhida no âmago da existência humana, onde habitam as perguntas, as dúvidas e a sede de sentido (Libanio; Murad, 2014, p. 41-42). Em contraste com a teologia escolástica, focada sobretudo na exposição sistemática das verdades reveladas, Rahner propõe uma teologia que brota da experiência e da estrutura mais profunda do ser humano, entendido como abertura constitutiva ao Mistério da transcendência (Gibellini, 2010, p. 154-155).



Partindo da questão de como o ser humano acessa e responde à Revelação, Karl Rahner propõe o método teológico-transcendental. Se a Transcendência diz respeito à realidade objetiva de Deus, a transcendentalidade refere-se à estrutura humana como abertura radical a essa realidade. Rahner propõe articular a dimensão histórico-salvífica da Revelação com a condição existencial de quem a recebe, deslocando o enfoque exclusivo do conteúdo revelado para incluir o ouvinte da Palavra, com sua interioridade, história e liberdade (Gibellini, 2010, p. 156-157). Esse movimento não relativiza a Revelação, mas aprofunda sua inteligibilidade, ao compreendê-la como evento que acontece na história pessoal e coletiva, envolvendo consciência, decisão e responsabilidade. Assim, conteúdo revelado e experiência humana aparecem como dimensões inseparáveis da autocomunicação de Deus oferecida à liberdade como possibilidade de sentido e salvação.

Sob essa ótica, até mesmo o conceito de Mistério precisa ser resgatado de leituras empobrecidas. Na mentalidade moderna, o Mistério costuma ser reduzido a um problema ainda não resolvido. Contra essa visão, Gabriel Marcel distingue problemas, passíveis de solução técnica, de mistérios, realidades nas quais o sujeito está existencialmente envolvido e que devem ser vividas e aprofundadas. Mesmo Albert Einstein reconhecia que o Mistério do universo exige contemplação e reverência, não mera decifração. Essa perspectiva ecoa na tradição patrística, para a qual o Mistério não é obstáculo à razão, mas espaço de encontro com o divino (Haught, 1998, p. 60). Quanto mais Deus se revela, mais se mostra inesgotável, convidando a razão à admiração e ao silêncio fecundo, ampliando e purificando seus horizontes.

Teólogos contemporâneos como Charles Perrot e Jean-Louis Souletie afirmam que, mesmo em um contexto de saudável secularização da fé cristã, a temática dos milagres não pode ser negligenciada. Relegá-los ao plano do acessório, como vestígios de uma religiosidade superada, pode comprometer a coerência entre o anúncio do Evangelho e sua realização concreta. Ao minimizar as narrativas milagrosas por sua dificuldade de compreensão moderna, corre-se o risco de separar o dizer do fazer cristão, enfraquecendo o testemunho da fé. Os autores observam que, embora teologias da libertação recorram pouco aos milagres por receio de alienação, ignorá-los enfraquece sua potência simbólica e salvífica. Pois os milagres, longe de suspensões das leis naturais, são sinais do Reino que encarnam a Palavra e revelam a ação libertadora de Deus na



história, mantendo o elo vital entre fé proclamada e caridade operante (Perrot; Souletie, 2009, p. 173).

A crítica às teologias que minimizam os milagres evidencia a necessidade de uma abordagem equilibrada entre anúncio e prática cristã. Um exemplo decisivo encontra-se em Mateus 11,4-6, quando Jesus responde aos discípulos de João Batista: “Ide contar a João o que ouvis e vedes: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados e os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. E bem-aventurado aquele que não se escandalizar por causa de mim!”. Nesse texto, os milagres aparecem como sinais que anunciam e antecipam o Reino de Deus, revelando a identidade de Jesus e transformando concretamente a vida humana. A culminância na evangelização dos pobres mostra que cura, restauração da dignidade e anúncio da Boa-Nova integram uma única dinâmica salvífica, reconhecida plenamente à luz da fé.

A Teologia da Revelação reflete sobre as formas pelas quais Deus se manifesta e comunica sua Palavra, sendo os milagres elementos essenciais da Economia da Salvação. Ao longo da história salvífica, a teologia aprofunda sua compreensão, reconhecendo nos milagres múltiplas camadas de sentido. René Latourelle afirma que o milagre não pode ser reduzido a uma violação das leis naturais, a um resquício de mentalidade primitiva ou a um simples gênero literário. Sua correta compreensão exige o contexto da salvação em Jesus Cristo, sem o qual seu significado se distorce. Por isso, uma definição adequada deve integrar os dados das Escrituras, da Tradição e do Magistério, considerando seus aspectos psicológico, físico ou factual e noético (intencional ou semiótico) (Latourelle, 1988, p. 263).

Falar de milagre, portanto, é entrar em uma realidade complexa e multifacetada. Os milagres são manifestações concretas que testemunham a ação de Deus por meio de determinadas pessoas, seja em seus gestos, seja em suas palavras. Com Jesus Cristo, todos os sinais extraordinários apontam para o milagre central da fé cristã: a Ressurreição. Já os milagres realizados pelos santos participam e prolongam essa mesma Revelação salvífica, como expressões visíveis da presença do Ressuscitado no tempo. Karl Rahner sintetiza essa compreensão ao afirmar que o milagre, no contexto do Novo Testamento, deve ser entendido antes de tudo como *sēmeion*, ou seja, um sinal da ação salvífica de Deus. Segundo Rahner, o milagre no âmbito do Novo Testamento é *sēmeion*, sinal, é manifestação do agir salvífico de Deus em sua Graça e Revelação. O *sinal* caracteriza-



-se como momento interno da própria ação salvífica, integra-a, é sua manifestação historicamente apreensível, de certa maneira é a camada mais externa pela qual a ação salvífica reveladora de Deus penetra na dimensão de nossa experiência corporal. Para Rahner, o milagre não é apenas um fato extraordinário, mas um apelo existencial: é uma convocação de Deus dirigida a uma pessoa, a um povo, ou mesmo à humanidade inteira (1989, p. 304-312).

Latourelle destaca a riqueza de significados dos milagres como sinais plurais que precedem, acompanham e sustentam a Economia da Salvação. Em primeiro lugar, eles manifestam o amor gratuito de Deus (ágape), revelado nas ações de Jesus — curas, multiplicação dos pães e gestos que restauram a dignidade humana — como resposta compassiva ao sofrimento (Latourelle, 1988, p. 506-508). Além disso, os milagres sinalizam a chegada do Reino de Deus e o cumprimento das promessas messiânicas, ao mesmo tempo que confirmam a autenticidade da missão de Cristo. Para além dessa função, revelam também a consciência filial de Jesus e sua íntima comunhão com o Pai (Latourelle, 1988, p. 508-514), pois, como afirma Gutiérrez, as obras do Filho são as obras do Pai, realizadas na unidade do amor (2000, p. 59-60). Latourelle identifica nos milagres uma dimensão simbólica e sacramental: eles antecipam a realidade escatológica e apontam para a plenitude prometida. A cura, a libertação do mal e a superação da morte tornam-se sinais da nova criação inaugurada em Cristo e lampejos do destino último da criação, revelando no tempo o brilho da eternidade (Latourelle, 1988, p. 514-521). Nessa perspectiva, os milagres não são exceções arbitrárias, mas eventos teológicos densos, nos quais o visível remete ao invisível. Ao agir na matéria e na história, Deus não suspende a criação, mas a conduz à sua vocação mais profunda, educando a fé para reconhecer a salvação como transformação do mundo a partir de dentro.

Para Chesterton, o verdadeiro milagre não é a exceção em si, mas a redescoberta da maravilha no que já existe. O valor da rotina, da casa, da permanência, temas centrais em *The Napoleon of Notting Hill* e *Heretics*, expressam exatamente isso: que a fidelidade ao ordinário é o terreno onde o milagre pode acontecer, e onde ele mais profundamente comunica sua mensagem. Em Chesterton, o milagre não é a exceção extraordinária, mas a redescoberta da maravilha do cotidiano. A fidelidade ao ordinário é o espaço privilegiado do encontro com Deus, onde o milagre, ao ser raro, exalta e ilumina a realidade comum, educando o coração para a gratidão, a contemplação e a responsabilidade.



Espiritualidade do enraizamento

Na experiência cristã, Deus revela-se como aquele que permanece, sustentando o cosmos com fidelidade silenciosa e agindo na história com paciência amorosa. Chesterton, com sua visão poética, ajuda a perceber a grandeza dessa permanência escondida, ao valorizar o ordinário em contraste com a cultura do efêmero. Sua intuição converge com a fé cristã: o que permanece educa e revela. A permanência possui densidade espiritual e teológica, pois expressa o compromisso irrevogável de Deus com a criação. Ao permanecer, o ser humano participa dessa lógica divina, reconhecendo na fidelidade cotidiana uma forma concreta de santidade e esperança, onde a vida comum se torna lugar de Revelação e a eternidade se insinua no tempo.

A maturação espiritual supõe fidelidade ao cotidiano, ao silêncio e à repetição que educa o coração. A tradição dos Padres do Deserto e do hesicasmo compreende a oração não como experiência extraordinária, mas como atitude permanente de presença diante de Deus, capaz de transformar o simples em lugar de encontro com o Mistério (Gomes; Santos, 2025, p. 1082-1083). Essa visão converge com Chesterton, para quem a verdadeira aventura humana está na capacidade de permanecer. A permanência, na oração e na vida diária, não empobrece a experiência, mas purifica o olhar e amadurece a liberdade, contrapondo-se à dispersão moderna. Assim, a repetição depura o desejo, unifica a pessoa e faz do cotidiano, fielmente habitado, uma escola de discernimento e de presença contínua de Deus.

Chesterton reflete sobre o amor à permanência como expressão do próprio estilo de Deus, visível na vida e missão de Jesus. Essa permanência manifesta-se nos anos ocultos em Nazaré (Lc 2,51-52; Mt 2,23) e na atuação pública marcada pela proximidade: Jesus percorre vilas a pé (Mc 1,38-39; Mt 9,35), cura pelo toque (Mc 1,41; 8,22-25), acolhe com o olhar (Mc 10,21; Lc 7,13) e ensina por parábolas extraídas do cotidiano (Mt 13,1-9.31-33; Mc 4,30-32). Seus milagres não são espetáculo, mas gestos de compaixão que anunciam silenciosamente a presença atuante do Reino (Mc 1,15; Lc 17,21), elevando o ordinário sem anulá-lo. Chesterton percebe nessa lógica divina um contraste com a ânsia moderna pela novidade, recordando que o verdadeiro milagre está na transfiguração do real. Ao permanecer junto às pessoas e lugares concretos, Cristo revela que o Reino cresce de modo discreto e paciente, fazendo do cotidiano, habitado por Deus, lugar de salvação e de eternidade.

Como diria Teresinha do Menino Jesus, o verdadeiro caminho de santidade está nas pequenas coisas feitas com grande amor. Sua “pequena



via” é eco profundo do estilo de Cristo: florescer onde Deus nos planta, amar sem espetáculo, confiar mesmo no silêncio. Do mesmo modo, Liev Tolstói diria que *para mudar o mundo, é preciso começar pintando a própria aldeia*, porque o universal só se transforma quando enraizado no particular. O milagre, assim entendido, é a flor rara que só nasce num solo cotidiano cuidado com fidelidade. Ele sinaliza, sim, a presença de Deus, mas o faz para nos ensinar que Deus já estava ali, na rotina, no pão partido, no choro do outro, na estrada repetida. Chesterton escreve, com graça encantadora:

Mas talvez Deus seja forte o suficiente para exultar na monotonia. É possível que Deus todas as manhãs diga ao sol: “Vamos de novo”; e todas as noites à lua: “Vamos de novo”. Talvez não seja uma necessidade automática que torna todas as margaridas iguais; pode ser que Deus crie todas as margaridas separadamente, mas nunca se canse de criá-las. Pode ser que ele tenha um eterno apetite de criança; pois nós pecamos e ficamos velhos, e nosso Pai é mais jovem do que nós. A repetição na natureza pode não ser mera recorrência; pode ser um BIS teatral. O céu talvez peça bis ao passarinho que botou um ovo (2008, p. 63).

A espiritualidade do enraizamento no cotidiano, da repetição com sentido, da fidelidade às pequenas coisas, é o modo como Deus parece nos formar. Não à força, não pelo choque, mas pela constância. O milagre, sendo raro, acende luz sobre o que é comum. Não é um espetáculo autônomo, mas uma convocação ao encantamento. Ele não substitui a fidelidade, mas a confirma. Não nos convida a esperar sempre por intervenções extraordinárias, mas a reconhecer que todo dia é feito de pequenas ressurreições. Nesse sentido, o milagre educa o olhar. Sua raridade impede de banalizá-lo, mas também impede que este banalize a vida comum. Se Deus opera milagres, não é porque despreza a ordem criada, mas porque deseja que ela mesma seja vista como sinal. Assim, a espiritualidade cristã é chamada a não fugir da rotina, mas a habitá-la com reverência, a permanecer com esperança, a amar com perseverança. É na permanência, afinal, que floresce o Reino de Deus.

A Graça do cotidiano e alguns desafios para a fé cristã na atualidade

As reflexões sobre a permanência, o valor do ordinário e a teologia dos milagres conduzem a importantes desdobramentos para a espiritualidade e a prática pastoral da Igreja hoje. Em meio a uma cultura marcada pelo imediatismo e pelo desejo constante por acontecimentos



espetaculares, a teologia propõe um retorno à reverência pela fidelidade cotidiana e pela experiência do Deus que se faz presente no silêncio da rotina. Nesse contexto, a ação pastoral é chamada a recuperar a pedagogia da constância, valorizando processos formativos, relações estáveis e práticas simples que sustentam a vida de fé no tempo. A centralidade do ordinário convida a Igreja a reconhecer que a Graça atua de modo eficaz nas pequenas comunidades, nos gestos repetidos de cuidado, na escuta atenta e na perseverança do serviço, mais do que em eventos pontuais de forte impacto emocional. Assim, a espiritualidade cristã torna-se capaz de formar sujeitos enraizados, livres da ansiedade da novidade, aptos a discernir a presença de Deus no cotidiano e a testemunhar um Reino de Deus que cresce silenciosamente, mas com solidez, no interior da história. No âmbito espiritual, é preciso cultivar uma atenção renovada para o momento presente, na aceitação fiel e paciente das pequenas coisas do dia a dia. Como ensina João da Cruz:

Mas à medida em que a alma se for habituando a permanecer sossegada, irá crescendo a tranquilidade e aquela notícia amorosa e geral de Deus, nela encontrando mais gosto do que em todas as outras coisas, pois a enche de paz, descanso, gozo e deleite, sem trabalho (2010, p. 141).

Essa fidelidade ativa, longe de ser resignação passiva, é o caminho pelo qual a Graça divina opera silenciosamente, transformando o coração. Assim, a verdadeira santidade brota na rotina da vida comum, onde Deus se manifesta discretamente (Stein, 2008, p. 177-178; Francisco, 2015, p. 362-363). Nesse horizonte, a santidade deixa de ser compreendida como exceção heroica reservada a poucos e passa a ser reconhecida como vocação concreta de todo batizado, vivida na constância das escolhas diárias e na perseverança do amor. A fidelidade ativa educa a liberdade, purifica as motivações e dilata a capacidade de acolher o outro, tornando o cotidiano lugar de cooperação com a ação de Deus. Ao agir sem alarde, a Graça molda o interior da pessoa, configurando-a progressivamente ao estilo de Cristo. Desse modo, a vida ordinária, habitada com atenção e responsabilidade, revela-se espaço privilegiado de transformação espiritual e de testemunho evangélico no mundo.

Ao invés de buscar uma fé marcada por milagres espetaculares e experiências extraordinárias, a ação pastoral da Igreja é chamada a reconhecer e valorizar a permanência como sinal da presença de Deus. Chesterton observa com finura que o mundo não perecerá por falta de maravilhas, mas por falta de encantamento, e é precisamente esse en-



cantamento diante do cotidiano que precisa ser restaurado. A ação miraculosa de Deus, longe de substituir a rotina da vida, confere-lhe sentido e profundidade. O milagre não rivaliza com o ordinário, mas o aponta e o exalta: é a exceção que revela o valor da regra. Nesse horizonte, a fé amadurece quando enraizada na fidelidade diária, na perseverança e na pertença. É nesse espírito que o Documento 100 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (DGAE) destacam a importância das pequenas comunidades: comunidades do cotidiano, da escuta, da partilha e da presença concreta, onde a Graça de Deus se manifesta de modo constante e silencioso, tornando extraordinária a vida ordinária.

As DGAE reconhecem a importância das comunidades que cultivam vínculos profundos e duradouros como expressão concreta da ação de Deus no meio do povo, pois “a formação de pequenas comunidades eclesiais missionárias, como prioridade da ação evangelizadora, oferece um referencial concreto para a conversão pastoral” (DGAE, 36). Destaca também que “enquanto casa, as comunidades que queremos são espaço do encontro, da ternura e da solidariedade, o lugar da família e têm suas portas abertas” (DGAE, 129). E esclarece que essas comunidades são sustentadas pelos quatro pilares – Palavra, Pão, Caridade e Missão – como expressão concreta da presença da Igreja no meio do povo (DGAE, 144). As DGAE reforçam que Deus não age apenas pela excepcionalidade, mas sobretudo por meio da fidelidade cotidiana, nas pequenas comunidades em que a vida se entrelaça, se celebra e se compartilha. Esse modelo eclesial da comunidade enraizada responde ao convite divino para uma presença constante e fiel, como afirma o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, uma “Igreja em saída” (EG 20), que permanece próxima dos seus, acompanhando a vida inteira, com gestos simples e permanentes de amor pastoral (Miranda, 2006, p. 203-205; 2017, p. 83-86; Domezi, 2016 p. 165-166).

Em sintonia com o olhar de Chesterton, que convida a reencontrar o encantamento no cotidiano e a perceber a casa como um lugar de maravilhamento, o teólogo Tomáš Halík propõe, em *Paciência com Deus*, uma espiritualidade que reconhece a presença divina não no espetacular, mas no comum. Essa proposta de Halík, que também dialoga com a experiência contemporânea do ateísmo e da dúvida, revela um caminho de fé maduro: não o da certeza triunfalista, mas o da presença paciente e silenciosa de Deus. Assim como os milagres bíblicos, que ao invés de ofuscar o ordinário o revelam, Halík aponta que a verdadeira Revelação



divina acontece não por contraste com o mundo, mas por uma misteriosa intimidade com ele. O *Deus desconhecido*, longe de estar ausente, está escondido precisamente naquilo que tomamos por garantido: o simples, o repetido, o familiar. Assim afirma Halík:

Um Deus “desconhecido” não é um Deus distante. Pelo contrário, ele está incredivelmente perto de nós: “nele vivemos e nos movemos”. Ele é desconhecido, não por estar demasiado distante, mas por estar demasiado próximo. Na verdade, sabemos menos acerca do que está mais perto de nós, do que é mais apropriado para nós, daquilo que consideramos um dado adquirido. Nenhum de nós viu o seu próprio rosto – apenas vemos a sua imagem num espelho. E só podemos ver Deus num espelho (2015, p. 136-137).

Essa percepção convida a Igreja a redescobrir a rotina como espaço de Revelação, onde o milagre não nega o comum, mas o faz resplandecer discretamente. O Deus próximo de Halík é o Deus das casas, presente nos hábitos, gestos e vínculos cotidianos. É nesse chão da vida que o divino sustenta e transforma a existência, ensinando a paciência com Deus e com o tempo. Assim, a Igreja é chamada a uma pastoral que acompanhe processos, valorize a escuta e respeite o amadurecimento humano, reconhecendo o cotidiano como lugar teológico onde a Graça atua silenciosamente e a esperança se enraíza.

Diante dos desafios da modernidade líquida e de uma religiosidade voltada ao espetáculo, a espiritualidade cristã reencontra sua força ao valorizar o cotidiano como lugar teológico. A permanência, a rotina e a fidelidade aos vínculos simples não se opõem ao sagrado, mas constituem o espaço privilegiado onde Deus se deixa encontrar. A tradição mística, o testemunho bíblico e a teologia contemporânea convergem ao afirmar que o verdadeiro milagre não está em fugir da realidade, mas em transfigurá-la. Assim, quando a Igreja caminha com o povo em seus lares e pequenos gestos de cuidado, o ordinário adquire a dignidade de espaço da Revelação silenciosa e amorosa de Deus.

Conclusão

Ao longo da presente pesquisa, percorreu-se um caminho que começa na percepção de Chesterton sobre a profundidade do ordinário e da permanência, atravessa brevemente algumas reflexões teológicas sobre o milagre, e desemboca nas implicações espirituais e pastorais



que desse paradigma decorrem. Essa trajetória revela que a teologia do milagre não é um campo de doutrina marginal ou ultrapassada, mas uma perspectiva fundamental para reorientar a compreensão da fé e da vida cristã atual. O milagre, compreendido como sinal da proximidade fiel de Deus, reeduca o olhar crente para reconhecer a ação divina no tecido concreto da existência. Longe de alimentar expectativas de exceção ou ruptura, essa teologia convida à maturidade espiritual, à perseverança no cotidiano e à confiança nos processos lentos da Graça.

A teologia do milagre, entendida como a Revelação do extraordinário no ordinário, convida a redescobrir que a presença de Deus não se reduz a eventos sobrenaturais, mas habita profundamente no cotidiano, na permanência fiel e paciente, no amor constante às coisas simples da vida. A teologia do milagre desafia a olhar com os olhos da fé para o mundo circundante, reconhecendo nele a obra contínua e misteriosa da Graça divina. A fé, educada nessa perspectiva, aprende a discernir a ação de Deus não apenas nas rupturas visíveis da história, mas na constância que sustenta a vida e a esperança. Ao assumir essa chave interpretativa, a teologia oferece à experiência cristã uma maturidade espiritual capaz de integrar maravilhamento e responsabilidade, contemplação e compromisso, reconhecendo que o extraordinário de Deus se manifesta, sobretudo, na perseverança amorosa com que Deus permanece no mundo.

Chesterton oferece um caminho precioso para a aventura de amar o lugar onde se habita, de abraçar a rotina com maravilha e gratidão. A teologia do milagre sustenta o paradigma que une sagrado e cotidiano, transcendência e imanência, eterno e temporal. Recordar que o Deus que age no mundo é também o Deus que permanece, que sustenta, que transforma em silêncio. Acolher a teologia do milagre como chave de leitura da existência significa aprender a habitar o tempo presente com atenção espiritual e responsabilidade ética. A permanência, iluminada pela fé, não aprisiona, mas liberta do impulso incessante de fuga, permitindo reconhecer que a história comum é o espaço onde Deus continua a escrever sua obra. A vida cotidiana converte-se em lugar de Revelação e de resposta, no qual cada gesto simples pode participar da Economia da Graça. Chesterton, ao exaltar o ordinário, ajuda a compreender que o extraordinário de Deus não rompe o mundo, mas o atravessa, chamando a uma santidade discreta, enraizada e fiel.

Essa visão abre horizontes. Coloca em relevo a necessidade de uma espiritualidade que valorize a permanência e a fidelidade, uma pastoral



que acompanhe com paciência e amor as vidas reais das pessoas, e uma ecologia da fé que saiba reconhecer os milagres escondidos na história comum. Nesse quadro, a reflexão teológica é chamada a superar tanto o fascínio pelo extraordinário isolado quanto a redução racionalista que esvazia o sentido do Mistério, recuperando uma linguagem capaz de articular transcendência e proximidade. A atenção à permanência orienta a Igreja a investir em processos formativos duradouros, relações comunitárias estáveis e práticas pastorais enraizadas no cotidiano, onde a Graça atua de modo discreto e eficaz. Ao reconhecer os milagres que se escondem na história comum, a teologia contribui para formar um olhar crente mais atento, capaz de discernir a ação de Deus nos ritmos lentos da vida, sustentando a esperança e fortalecendo o compromisso cristão com o mundo.

A teologia do milagre, iluminada pela visão chestertoniana da permanência, oferece uma resposta viva e atual aos desafios do tempo atual. Convoca a ser testemunhas de uma fé que não busca o espetáculo, mas a profundidade; que não corre atrás do novo incessantemente, mas se enraíza na verdade duradoura; que não se espanta apenas com o raro, mas se alegra no milagre contínuo do ordinário. Nesse horizonte, a fé cristã revela-se como caminho de maturidade espiritual e de compromisso histórico, capaz de sustentar a esperança em meio à fragmentação contemporânea. Ao valorizar o ordinário como lugar teológico, essa perspectiva convida a Igreja a formar comunidades que perseveram, acompanham e cuidam, mais do que impressionam. O testemunho cristão torna-se, assim, silencioso e fecundo, marcado pela constância do amor, pela atenção aos pequenos gestos e pela confiança de que Deus continua a agir no mundo sem alarde. A teologia do milagre reafirma que a presença divina não se impõe pela exceção, mas se comunica pela fidelidade que transforma a vida comum em sinal duradouro do Reino de Deus.

Que a vida cristã possa ser vivida com maior atenção, gratidão e responsabilidade, reconhecendo que a transformação do mundo não nasce apenas de grandes gestos visíveis, mas da constância do amor que persevera. A fidelidade cotidiana, assumida como resposta livre à Graça divina, torna-se testemunho eloquente em um tempo marcado pela dispersão e pelo cansaço espiritual. Ao habitar o ordinário com fé e esperança, o ser humano de hoje pode oferecer ao mundo um sinal discreto, porém profundamente eficaz, de que Deus continua a agir, sustentando a história e renovando silenciosamente todas as coisas.



Referências

- AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Trad. Oscar Paes Leme. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- AGOSTINHO. *A Trindade (De Trinitate)*. Trad. Agostinho Belmonte. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALEGRE, Xavier. Milagre. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.
- BOGUE, Ronald. Apology for nomadology. *Interventions*, London, v. 6, n. 2, p. 169-179, 2004.
- CHESTERTON, G. K. *Hereges*. São Paulo: Ecclesiae, 2014.
- CHESTERTON, G. K. *O homem eterno*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.
- CHESTERTON, G. K. *O Napoleão de Nothing Hill*. São Paulo: Ecclesiae, 2016.
- CHESTERTON, G. K. *O que há de errado com o mundo*. São Paulo: Ecclesiae, 2013.
- CHESTERTON, G. K. *Ortodoxia*. São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
- CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023* (DGAE). Brasília: CNBB, 2019. (Documentos da CNBB, 109).
- DOMEZI, Maria Cecília. Na igual dignidade batismal. In: SANCHES, Wagner Lopes; FIQUEIRA, Eulálio. *Uma Igreja de portas abertas: nos caminhos de Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- FRANCISCO, Papa. *A verdade é um encontro: homilias proferidas na Casa Santa Marta*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GERMANO, Ramon Bolivar Cavalcanti. Ciência, religião e vida: uma crítica ao objetivismo científico e ao subjetivismo religioso. *Basíliade*, Recife, v. 4, n. 8, p. 37-56, 2022.
- GIBELLINI, Rosino. *Breve história da teologia do século XX*. Aparecida: Santuário, 2010.



GILBERT, Jérémie. Nomadic Territories: A Human Rights Approach to Nomadic Peoples' Land Rights. *Human Rights Law Review*, Oxford, v. 7, p. 681-716, 2007.

GOMES, Tiago de Fraga; SANTOS, Jackson William Fischoder dos. Oração como caminho de união com Deus. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 40, n. 3, p. 1081-1112, set./dez. 2025.

GRÜM, Anselm. *As exigências do silêncio*. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Beber em seu próprio poço*: itinerário espiritual de um povo. São Paulo: Loyola, 2000.

HALÍK, Tomáš. *Paciência com Deus*: oportunidade para um encontro. São Paulo: Paulinas, 2015.

HAUGHT, Jonh. *Mistério e promessa*: Teologia da Revelação. São Paulo: Paulus, 1998.

JIMÉNEZ-RODRÍGUEZ, Luis O. Los aportes de la teología de la creación y de la acción humana a la orientación de las ciencias aplicadas y las tecnologías: una mediación ética y axiológica. *Pensamiento*, Madrid, v. 75, n. 283, p. 387-406, 2019.

JOÃO DA CRUZ. *Subida ao Monte Carmelo*. São Paulo: Paulus; Petrópolis: Vozes, 2010.

KAZTER, Leticia. Presentación. Apuntes para una antropología del nomadismo. *Tabula Rasa*. Bogotá, v. 37, p. 11-15, 2021.

LATOURELLE, René. *The Miracles of Jesus and The Theology of Miracles*. New York: Paulist Press, 1988.

LEITE, Leonardo Delatorre *et al.* Elementos do totalitarismo: uma leitura a partir de Tocqueville e Chesterton. *Quaestio Iuris*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 146-185, 2024.

LIBANIO, J. B. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014.

LIBANIO, J. B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia*: perfil, enfoques, tarefas. São Paulo: Loyola, 2014.

MARION, Jean-Luc. *Dieu sans être*. Paris: Fayard, 1982.

MIRANDA, Mario de França. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo, Loyola, 2006.



MIRANDA, Mario de França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

NICHOLS, Aidan. Chesterton and Holiness. *New Blackfriars*, Oxford, v. 102, n. 1099, p. 368-383, 2021.

PERROT, Charles; SOULETIE, Jean-Louis. *Os milagres*. São Paulo: Loyola, 2009.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RAHNER, Karl. *O cristão do futuro*. São Paulo: Cristã Novo Século, 2004.

RODRÍGUEZ CAGUANA, Tomas Humberto. Líneas conceptuales de la ética para la interpretación contemporánea-cotidiana de la sociedad. *Chasqui*, Quito, v. 1, n. 156, p. 191-204, 2024.

STEIN, Edith. *A Ciência da Cruz*. Trad. José Raimundo Vidigal. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica (Summa Theologiae [S.Th.])*. Trad. Alexandre Corrêa. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.